

## **time BYTES, coisas do ver**

Time bytes, de José Reis, marca um regresso e uma estreia. Regresso das imagens de José Reis ao nosso convívio e uma estreia no que respeita às características técnicas do material exposto, uma vez que estas imagens afastam-se dos processos tradicionais de impressão fotográfica que sempre se apresentaram no Instituto Português de Fotografia. Ao que agora se assiste é a um conjunto de impressões digitais feitas a partir de um suporte fotográfico tradicional.

Deixando as considerações técnicas de lado, que não são de modo nenhum de desprezar uma vez que a introdução de novas técnicas de registo, processamento e difusão das imagens veio introduzir uma mudança no modo como com elas nos relacionamos (e sabendo que esta é uma das preocupações que estão presentes nas reflexões que o próprio autor mantém no domínio da fotografia), é sobre as imagens do que aqui se vai tratar.

E não é fácil falar destas imagens de José Reis, desde a primeira vez que as vi, assim reunidas, foi essa a sensação que de imediato me atingiu. Quanto mais as olhava, mais crescia em mim a ideia de que algo parecia escapar continuamente ao domínio das palavras e qualquer tentativa de descrição ficaria muito aquém do sentido. Elaborar um discurso organizado e metódico estava para além dos limites do que era pedido - e o que se espera de um texto destes?

Como se pode depreender pela leitura das legendas, as imagens que aqui se reúnem são fragmentos dispersos ao longo do tempo (os últimos vinte anos), reunidas pela cumplicidade de diversos olhares. Podemos começar pelas legendas. O que ali lemos é apenas a indicação de um lugar e de um tempo o que, podendo parecer excessivamente minimalista, virá a revelar-se, no entanto, um interessante jogo de sentido. Se essa indicação ancora a imagem num dado lugar, nada mais daí advém que isso mesmo; um local é uma data de encontro entre o fotógrafo e o acontecido. O resto, parece estar definitivamente noutra lugar.

Resolvi voltar atrás e partir do zero confrontando-me apenas com as imagens e, atavés delas, (re)construir um percurso dos olhares que me eram devolvidos.

As imagens agrupam-se naturalmente em torno de dois pólos distintos (cor, preto e branco) a partir dos quais dois percursos se desenham e complementam e aos quais a montagem confere sentido.



A primeira série que nos é dada a ver é composta por um grupo de imagens que se apresenta como uma acumulação de sinais, fragmentos de um estar em trânsito. Imagens vistas para o espaço a partir do interior de um de um automóvel, como se de um primeiro confronto se tratasse. Do vidro enquanto écran por onde a paisagem desfila, ao vidro onde o espaço se confunde pela sobreposição de reflexos e se reintegra na imagem fotográfica que assim desaparece do cartaz, interroga-se o espaço e a sua percepção. Assim, ao espaço perspéctico da primeira imagem, em que o horizonte é lá longe num imaginário ponto de fuga, opõe-se a inversão desse ponto de fuga que



o espelho retrovisor da última imagem opera, numa desconstrução desse mesmo espaço.

A segunda série caracteriza-se por uma frontalidade do olhar e rigor construtivo, marca que também pode ser vista como fio condutor que organiza o olhar que passa por todas estas imagens. E também por uma construção específica da paisagem e nisto se ligará a primeira série que encontramos adiante nas imagens monocromáticas. O écran encontra-se agora em branco, no meio da paisagem, aqui lugar para um jogo em torno da simetria. Não só de um ponto de vista construtivo, mas encontrando ecos também nos elementos que as povoam quer num jogo de reflexos em que as árvores se repetem nas pessoas, quer rompendo-a introduzindo uma perturbação neste equilíbrio (e quem o rompe? o corpo que se encontra no banco, ou aquele que lhe falta?). E uma vez mais assiste-se a uma nova inversão de elementos no espaço que potenciam novos sentidos: ao ilhéu que se encontrava no centro da paisagem na distância do horizonte, sucede agora o corpo isolado de um homem na proximidade da terra, a partir do qual a paisagem irradia. No pólo oposto, abandonando o cromatismo, parece assistir-se a um retorno à essencialidade da imagem. E esta essencialidade não é só marcada por este abandono mas encontramos-la sobretudo ao nível da representação. O que parece interrogar-se nesta primeira imagem é a natureza indicial da própria fotografia, expressa pelas pegadas que povoam a paisagem e assim se colam à superfície da imagem. Se nas outras séries a paisagem nos aparecia sobretudo enquanto espaço aberto ao olhar, agora ela parece fechar-se sobre si mesma impedindo a visão. Se esta opacidade do olhar é visível na densidade da floresta, a transparência do vidro e a janela aberta para o exterior (utilizada como dispositivo de representação da paisagem na pintura clássica) parecem funcionar como uma barreira invisível à contaminação e invasão do espaço pela paisagem. De regresso à claridade do exterior, a paisagem parece (re)refazer-se na sua essencialidade, marcada por um sinal que mais que indicar uma direcção, aponta, ou designa, o seu próprio lugar e depois de modo ambíguo nos indícios que nuvem nos traz.

Na última série que nos é apresentada, mais do que as questões relativas à interrogação sobre o corpo e os seus limites o que aqui aparece encenado é um jogo de interrogação sobre a natureza da própria representação e do olhar. A paisagem surge enquanto espaço para a encenação do corpo, para a sua representação tornando-se mais tarde superfície de inscrição para a sua representação onde as suas sombras se deitam. A uma outra superfície onde dois corpos se representam, opõem-se dois corpos que a ela resistem negando-lhe o olhar que a figura de Manet, primeiro objecto de representação, nos (lhes) dirige frontalmente. Já noutra momento, ao olhar desinteressado pela presença do espectador, responde este com uma implicação directa no modo como deles se aproxima. A fechar o ciclo, o corpo do espectador desaparece da representação e toda a cena é dominada pela ausência; a figura que se afasta num espaço onde se questionam diversas possibilidades de representação, e a cadeira vazia que nos é deixada enquanto chamada à realidade de um outro espaço de representação.

Time Bytes, apresenta-se assim num duplo movimento: o registo de pedaços do tempo arrancados à memória do olhar e uma interrogação sobre a construção e os limites desse mesmo olhar.

*francisco feio, Abril de 1999.*

<<